

# Ficção

José Almino de Alencar

## Um corno\*

os inocentes do Leblon, definitivamente inocentes, tudo ignoram, mas a areia é quente, e há um óleo suave que eles passam nas costas, e esquecem.

Carlos Drummond de Andrade

"– SEU CORNO SAFADO!", ERA O QUE DIZIA A MENSAGEM NA SECRETÁRIA ELETRÔNICA. Duas vezes tornei a ouvi-la. A dicção era um pouco confusa, o tom raivoso parecia ensaiado; ou melhor, solene, como se a pessoa houvesse se preparado longamente, antes de enunciar o insulto. Soava igual ao "canalha!" do Nelson Rodrigues, dito à maneira de um ator de segunda.

Pensei haver reconhecido a voz, masculina. O sotaque vinha indiscutivelmente de Pernambuco, ou dos arredores mais imediatos: os dois "as" de "safado" pronunciados bem abertos, como que acentuados por sinal agudo e o "erre" de "corno", quase omitido, mudo, lembrando vagamente os "erres" caipiras paulistas, sugeria uma origem sertaneja, das bandas da Paraíba. O xingamento era nordestino: quase nunca um carioca chama os outros de corno ou de safado; antes, "filho da puta" ou "veado".

Hoje em dia, já não existe tanta hostilidade para com os cornos. A voz, no entanto, parecia de alguém ainda jovem.

Sobreveio-me um sentimento de lisonja, estranho, de início. Logo percebi que tocava-me a vaidade saber de alguém que me odiava e se escondia no anonimato de um telefonema. O "corno safado" gritado, enraivecido, revelava a vontade de ferir por quem sabe ser a expressão uma ofensa grave na nossa terra, a minha e a dele. Mas, revelava

\* *Ficções*. Ano I, n. 1. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

também, despeito e covardia. Aquele homem sentia-se inferior a mim; e, isto, fazia-me bem.

Naquele momento, eu encontrava-me solteiro e só. A rigor, portanto, o epíteto não me cabia. Porém, talvez o autor da mensagem acreditasse que ser corno fosse um atributo intrínseco à personalidade alguém, como a timidez, o orgulho, a avareza; ou mesmo que, uma vez tendo sido corno, título e qualidade tornassem-se agregados à pessoa, o que acontece, por exemplo, com os presidentes, senadores, embaixadores e ministros.

Lembrei-me que, na Bahia, corno é usado como superlativo: "trabalhar como um corno", "comer como um corno"... Pensei, melancolicamente, na minha vida de corno, nas desgraças do ciúme, nas misérias das fantasias humilhantes.

Ocorreu-me também a hipótese do outro ter sido corneado por mim. Mas, da pequena lista de candidatos prováveis, nenhum parecia ser capaz de um tal rancor e impulso. E a verdade é que em algum lugar, existia um homem sentindo-se amargo, o suficiente, e talvez diminuído, o suficiente, para, escondido, insultar-me.

Passei, os próximos dias a aguardar outros telefonemas, que viriam (quem sabe?) com mais detalhes e raiva. Chegava em casa, ouvia os recados: nada. Algum tempo depois, apaguei a mensagem que havia guardado.

Em uma bela manhã de setembro, telefono, aleatoriamente, para vários números e, quando escuto uma voz masculina na secretária eletrônica, grito:

– Seu corno safado.

## Un coeur simple\*

Mestre, são plácidas  
Todas as horas  
Que nós perdemos...  
Ricardo Reis

HAVIA UM CABOCLO NA MINHA TERRA QUE DIZIA: "– Doutor, tem dois tipos de serviço que eu não faço: é subir em coqueiro e descer em cacimba." No que me cabe, cada dia, eu subo um coqueiro e desço uma cacimba, tal as euforias e os quebrantos, as maravilhas antevistas e as desgraças antecipadas por que passo.

Não há alegrias indescritíveis, nem são incontáveis as tristezas, o tempo é que não é propício, os momentos são incertos, e as palavras me vêm tardias, depois dos heroísmos e ações imaginadas. Pois a verdade, é que mal posso agir e pensar, tudo tem que ser feito muito rápido, a vida corre e os fogosos instantes passam antes de vir a ser: estão sempre à postos, no fundo da cacimba, na copa da árvores. Essa, meus caros amigos, é a lição, e eu diria mesmo, a sina, dos tristes desocupados.

"Eu não enjeito, serviço pesado", o camarada me dizia. E explicava que não era do esforço que tinha medo, mas da impossibilidade da tarefa. Da vertigem do entrevisto, o receio da queda antes do objetivo conquistado, o medo da mudança de ares e das circunstâncias.

Nem tudo são metáforas. Mas tudo, mesmo na sua complexa inteireza, nos deixa um laivo, um risco, um traço de inacabado. Qualquer poeta ou metafísico de esquina poderá nos descrever tal fenômeno. Mas nunca poderá explicar no exato frescor na sua verdadeira atualidade, por exemplo, o gosto rascante da cajuada ou a súbita alegria trazida por um telefonema do amor tão ansiosamente esperado. São a tarefas assim,

\* *Diário de Pernambuco*, 4.10.1998. "Um Coração Simples". Título de um conto de Gustave Flaubert.

imprevistas e impossíveis, que devotam-se os empreendimentos literários bem executados. Servicinho pesado, o da escrita!

Como encontrar um rumo plausível de narrativa? Em vão, vivo a catar nos papéis pedaços de poesia, o fragor de velhas batalhas, o brilho de antigos amores que me ajudariam a seguir aprendendo e vivendo, nesta ordem, que é a da minha preferência. Em vão, procuro ouvir e apurar meu sotaque, ajustando-o à escrita, que este é um muito útil conselho oferecido pelo poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto.

"Words, words, words"; e mais, "sangue, suor e lágrimas, "chuva, suor e cerveja". Quedo-me a cismar que sou apenas um homem de muitas voltas. Vez por outra venho parar no mesmo lugar, por falta de orientação. E logo, algo dentro de mim, sugere: "também por gosto."

Não, não me agradam necessariamente os paradoxos. Desgosto deles, não os entendo. A vida já é muito complicada e deveria ser tornada clara, fácil como um gibi antigo, em que já conhecemos as tramóias, pulamos por cima delas e vamos direto as alegrias através de diálogos singelos. Isto, obviamente, na teoria; e a teoria, na prática, é outra, insistia em dizer o camarada Mao Tse Tung.

Assim, marcamos tempo, acumulamos dores, ficamos paralisados pelos sem-número juízos e apreciações, até que surja alguma coisa a que eu não posso deixar de dar o nome de milagre. Sem ele, o que se passa renitentemente comigo? Mal esboço um princípio de entusiasmo, um doce enlevo, e começa, dentro de mim o obrar de uma sombra, da acidez do desencanto, enfim, o oco da cacimba já mencionada. E o eco de tédios passados, dos freqüentes desencontros que soprando-me aos ouvidos "Vale a pena?" faz-me sentir como um enterrado vivo.

"–Tu bois comme un trou!" é o que sempre me dizia Honorine Dupont, trazendo-nos, novamente, para as imagens dos píncaros azulados e dos poços sombrios. Falava francês com o arrastado sotaque canadense e servia procurando imitar o falar do midwest, jamais liberto das tônicas francesa.

Honorine, de nome macio e gelado e olhos grandes e castanhos, entornava dezenas de Heinekens e shots de uísque irlandês, com igual entusiasmo e desespero. Barmaid do Sundale, um bar caindo os pedaços, os vidros empoeirados, ao lado da linha do trem da Amtrak, em Chicago, Illinois. Lésbica e feminista feroz nos começos da noite, romântica descabelada, com o passar das horas.

Como se uma ou outra coisa fizesse diferença em nossas vidas, quando, na verdade, eram apenas dois traços de fantasias na existência de torpor e álcool na qual estávamos mergulhados. Cada acontecimento, cada faceta da realidade, serviam apenas para criar uma legenda exemplar ou poética, que nos assegurava a auto-estima do dia a dia, o presente sempre esmagado entre um passado e um futuro de invenção, Como na fábula, não mais saibamos se éramos um mandarim que sonhara com uma borboleta ou, apenas, uma borboleta no sonho de algum mandarim.

De chofre, e eventualmente como agora, as imagens da vida vêm espicaçar as nossas "retinas fatigadas". Se olho em volta, no botequim aonde me encontro caprichando nestas bem traçadas linhas, vejo um garçom ainda jovem, sem dentes, que acaba de beber escondido uma lapada de cachaça; um cachorro da rua entra e engole uma moela de galinha cozida e amarelada de coloral; o mendigo, na porta exibe um eczema infectado. Há pouco vi quando ele desceu do ônibus da Rocinha, lépido, chegando para o seu ofício, transformando-se de o passageiro em chaga exposta, tão viva quanto a imagem de Honorine na minha cabeça.

[Esta é a quinta versão do que seria a introdução de uma explicação bem mais longa. Não, em definitivo, a minha vida não daria um romance e, muito menos, o meu romance não daria uma vida.]

### **Blaise, ou é preciso segurar as reservas\***

"– É PRECISO SEGURAR AS RESERVAS", DIZIA O HOMEM NA TELEVISÃO. Ele era o mesmo que, anos atrás, agredira Jose Perea em uma discussão sobre o Arquipélago Gulag: "– Não admito anticomunismo, é coisa de calhorda filho da puta." O outro, cara de Omar Shariff, torso de Apolo sobre pernas de Mickey Rooney, repetia e repetia, irônico: "– O senhor tem toda razón, mas a razón que o senhor tem não vale mierda ninguna."

Estávamos todos mais ou menos bêbados. D. Pepe esforçava-se por falar português e quando estava neste estado, alcoolizado e polêmico, costumava despejar uma série de citações e ditados que culminava, quase sempre, e pôr razões misteriosas, com um verso de Drummond: "– Mundo, mundo, vasto mundo, se yo non me chamasse Raimundo, seria una rima mas non una solución." Por causa dos seus aforismos, puseram-lhe o apelido de Blaise. Blaise, como Blaise Pascal.

Enfim, virando-se para o barman, pediu em tom de desafio: "– D. Miguel, dáme una mentirita!" ("Mentirita" era o nome que os cubanos exilados haviam dado à cuba-libre). D. Miguel lhe serviu a bebida, olhando para os lados, com medo que Raulito, o embaixador da Cuba real, nos ouvisse. No Ferdi's, onde passávamos os fins de tarde, a convivência entre jornalistas estrangeiros e diplomatas das Nações Unidas fazia do trabalho do garçom uma tarefa delicada.

O algoz de Perea resmungava alguma coisa sobre "reacionários", "bêbados" e "ressentidos". Agora, vinte e tantos anos depois, ele perorava em um programa de notícias, desfiando os lugares-comuns do receituário econômico: "proteger as reservas", "elevar as taxas de juro", "evitar uma rápida desvalorização cambial". Ao seu lado, um rapaz moreno, careca, com um ar de nordestino assustado e que havia sido apresentado como um vice-presidente do Banco de Boston, acrescentava:

"– não há como discordar do professor Zelão."

\* *Revista Praga*, março de 1999.

O grotesco das antigas bravatas, o ruído das declarações de princípio haviam se amansado naquele cabelo pintado de hena, naquelas bochechas flácidas, no lenço de gravata tão provincianamente caprichado:

Riscando os cavalos!  
Trinando as esporas!  
Través das cochilas!  
Sai dos meus pagos em louca arrancada!  
– Para que?  
– para nada!<sup>1</sup>

Daqui, já ouço D. Pepe citando Machado: "– Tudo isso cansa, tudo isso exaure."

Mais eu não deveria dizer. Talvez porque o que digo aqui é apenas o reflexo do meu ressentimento, de uma vida medíocre, sufocante. E a política, quem sabe, seja uma atividade ao mesmo tempo magnífica e terrível, como costumava afirmar o meu amigo Thomas, que certamente não sabia do que falava.

No entanto, ainda que duvidando de mim mesmo, eu suspeitaria que em um dia futuro, o mesmo cabelo pintado, as mesmas bochechas e a mesma gravata, virão à televisão, declarar: "– A crise é iminente! A revolução é inevitável!" Ou algo parecido.

Aqui na Gávea, não há "mentiritas". Pode-se pedir, no seu lugar, a "porradinha": é uma mistura de cachaça com água tônica que misturada com um guardanapo de papel duro de botequim, produz uma espuma abundante e rosada, muito agradável àqueles que bebem cedo pela manhã. No Recife, ela é conhecida pelo nome de "champanhe".

<sup>1</sup> Ascenso Ferreira.